

NOS TRILHOS DA “GUERRA”: A TRANSGRESSÃO DE UM TREM DE CARNAVAL

Geovana Nascimento Brito¹

Daniel dos Santos Fernandes²

No ano de dois mil e quinze, resolvi inscrever-me na seleção de mestrado do programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará Campus-Bragança. O acesso a esse programa me proporcionou reascender um projeto de pesquisa que fazia parte da minha história: escrever sobre o povo vigiense, ou melhor, registrar as memórias carnavalescas que, há muito, estavam adormecidas em sítios alheios. O acesso à academia interseccionou o passado e o presente, servindo de ancoradouro ao futuro. Com a latência da pesquisa, ainda em forma de projeto de dissertação, veio a necessidade de embrenhar-me na cultura vigiense, mais precisamente na tradição carnavalesca do bloco “As Virgienses”³. Seduzida pela proposta da disciplina Linguagem Através da Imagem, ministrada pelo professor Dr. Daniel dos Santos Fernandes, surgiu a oportunidade de produzir, sob a orientação e colaboração do referido docente, esse ensaio.

No ano de dois mil e onze fui ao município de Vigia de Nazaré experienciar o folguedo, ainda que na condição de observadora, e também degustar o pulsar de um dos traços da identidade do povo do município de Vigia de Nazaré/Pa. Em dois mil e dezesseis, retornei ao município no mês do carnaval. Dessa estada, originara-se a sequência imagética que apresento como corpus, selecionada para compor este ensaio. As imagens, retrato vivo da história dos vigienses, remontam, também, as memórias da revolta da Cabanagem, revisitada, nesse paradigma imagético, e responsável por subverter a euforia carnavalesca a um tempo de luta e ódio contra os Cabanos.

Cabe ressaltar, que, o “Trem de Guerra”, casarão que configura o elemento de coesão deste ensaio, localizado no cruzamento entre as ruas de Nazaré e Marcionilo Alves, no passado, foi palco de um dos episódios que viriam marcar com sangue a memória do povo vigiense, pois nesse cruzamento, exatamente onde, hoje, situa-se o Palácio Legislativo da Cidade, ocorreu um dos massacres mais horrendos da história da Cabanagem⁴, ceifando a vida de índios, negros e pobres - conhecidos como cabanos por morarem em habitações muito simples de pau a pique e cobertas de palha - as cabanas. Esses guerreiros lutaram por justiça, por sentirem-se indignados com o cenário de pobreza extrema, fome

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia-UFGA/Campus- Bragança. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Pará - SEDUC e da Secretaria Municipal de Educação do Pará -SEMEC. Email: geovanabrito@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências Sociais/Antropologia, professor Adjunto Convocado no Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará – Campus Bragança. Email: dasafe@msn.com

³ “Virgienses” é um bloco carnavalesco que surgiu no município de Vigia de Nazaré- PA e é composto por uma diversidade de tipos humanos, entre eles: homens vestidos de mulheres, transexuais, homossexuais e simpatizantes.

⁴ Sobre a Cabanagem ver REIS, Marcos. Cabanos: a história. 1ª ed. Maguen, 2013.

e doenças, ao qual foi legada a Província do Grão Pará após a Independência do Brasil entre os anos de 1835 e 1840.

Esse trilho da memória foi percorrido para situar o bloco “As Virgienses” e o cenário carnavalesco na história desse povo caboclo que teve também os índios Tupinambás dizimados pela ganância do povo europeu que adentrou na aldeia dos Uruitás (que em Tupi significa: cesto de pedras) roubando suas terras, sua dignidade, seus costumes e suas vidas. Os Tupinambás eram os verdadeiros donos das terras as quais hoje receberam o nome de Vigia de Nazaré. Dessa forma, o cenário carnavalesco, construído pela sequência imagética proposta, e registrada no carnaval de dois mil e dezesseis, denuncia um passado de horror vivido pelos Tupinambás e pelos Cabanos. As vozes, desses povos dizimados, ainda ecoam nas paredes dos casarões históricos da cidade de Vigia de Nazaré e eclodem no cantar dos partícipes do bloco “As Virgienses” que embalam um coro dizendo: “Nós somos as Virgienses... Nós somos as Virgienses... Ninguém pode não com a gente... E se quiser você pode entrar... Então venha brincar com a gente”⁵. Esse cantar eufórico típico do carnaval, hoje, pode ser ouvido nas esquinas das ruas estreitas de Vigia de Nazaré/PA. O cenário carnavalesco, dessa forma, vai transgredindo as imagens sangrentas das lutas, que se perpetuaram no imaginário do povo vigiense.

Hoje, as ruas de Vigia, que um dia abrigaram o embate no trem de Guerra, acolhem o êxtase formado pela paisagem carnavalesca. Na concentração do bloco “As Virgienses”, os foliões se encontram e vão formando uma paisagem que abriga tipos humanos que se agregam num movimento de simbiose no qual o homem, os casarões, a natureza, as alegorias e os adereços pertencem uns aos outros criando um cosmo de completude e sequenciação. Os personagens chegam à esquina das ruas de Nazaré e Marcionilo Alves fantasiados, compondo ao cenário do bloco “As Virgienses” a heterogeneidade de tipos e formas humanas que vão desde personagens de filmes infantis, fadas, princesas, anjos e marinheiros aos personagens de super-heróis como “Batman e Robin”. São homens e mulheres que se despidendo de suas singularidades se agregam ao coletivo construindo uma paisagem multicolorida por meio da qual o espectador e o interlocutor dialogam evocando imagens que alimentam o imaginário e consequentemente compõem o universo da memória. E é essa memória coletiva que vai construir a identidade desse povo da região do Salgado⁶.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é, também, um instrumento e um objeto de poder [...] (Le Goff, 1924, pp.469-470)

⁵ Trecho da música que puxa o bloco “As Virgienses” em Vigia de Nazaré Pará composto por Simi Pinheiro.

⁶ A região do Salgado é uma das microrregiões do estado brasileiro do Pará pertencente à mesorregião Nordeste Paraense e está dividida em 12 municípios: Colares, Curuçá, Magalhães Barata, Maracanã, Marapanim, Salinópolis, São Caetano de Odivelas, São João da Ponta, São João de Pirabas, Terra Alta e Vigia de Nazaré.

A memória coletiva faz fluir as lembranças carnavalescas que compõem a paisagem do bloco “As Virgieneses” agregando ao presente fatos vivenciados no passado, mas que continuam latentes no imaginário dos brincantes do folguedo amazônida compondo a identidade desse povo. A sequência imagética “**NOS TRILHOS DA ‘GUERRA’: A TRANSGRESSÃO DE UM TREM DE CARNAVAL**” evidencia um conteúdo humano próprio do período carnavalesco que descortina o visível e o invisível da alma humana, em um desfile de personagens que se desnudam ao olhar atento do investigador revelando significados que vão além da bagunça carnavalesca para adentrar no campo da luta por uma ordem social mais justa.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques, 1924 – *História e memória*. Jaques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.











